



PAPA NA FRANÇA

Na despedida, as armas na mira

No encerramento da visita de quatro dias, Leão XIV faz um chamado pela paz e adverte para a “ilusão do rearmamento”, no momento em que a Europa aumenta os gastos militares em nome de combater o que enxerga como a ameaça da Rússia

Simone Risoluti/Vatican Media/AFP



O pontífice celebra missa na catedral de Metz, última escala na França: alerta contra os gastos militares em escalada

Primeiro papa a visitar a França em duas décadas, Leão XIV despediu-se de um dos países mais firmemente ancorados no Estado laico com considerações com um tema bem menos espiritual ou ético do que os abordados nas primeiras escalas da viagem. Depois de falar sobre inteligência artificial, morte assistida e inclusive sobre os abusos sexuais no âmbito da Igreja, em Paris e no santuário de Lourdes, o pontífice despediu-se, em Metz, com um apelo à paz na Europa e uma advertência contra o que chamou de “a ilusão do rearmamento” — no momento em que os países do Velho Mundo, em nome dos compromissos com os Estados Unidos na Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), anunciam em série a elevação dos próprios orçamentos para a pasta da Defesa.

“Infelizmente, também na Europa, a guerra reapareceu nesta época: um novo ‘massacre inútil’ que a cada dia causa inúmeras vítimas civis”, afirmou o papa americano-peruano, retomando uma expressão cunhada por Bento XVI. No caso, Leão XIV referia-se à guerra na Ucrânia, que se aproxima de completar cinco anos. “É preciso nos comprometermos com um diálogo paciente, mostrarmos audácia na negociação e estarmos dispostos a sacrificar algumas posições pelo bem maior da paz”, acrescentou o pontífice, cujo pai, como militar norte-americano, participou do desembarque aliado na Normandia francesa, em junho de 1944, episódio capital da Segunda Guerra Mundial.

A escolha de Metz, que França e Alemanha disputaram do final do século 19 até meados do século 20, não foi acaso. Nessa região nasceu Robert Schuman (1886-1963), um dos chamados “pais fundadores”

da União Europeia (UE), que o Vaticano pretende beatificar. O projeto de integração continental, que nasceu dos escombros de uma Europa devastada, perdeu força nos últimos anos, em consequência da crise política aberta com a chegada em massa de migrantes, a saída do Reino Unido da UE e as divergências sobre a atitude a ser adotada em relação à Rússia de Vladimir Putin.

“Hoje em dia, as relações humanas e entre os Estados tornam-se cada vez mais bárbaras”, observou o pontífice, pedindo

que a Europa ponha fim à “espiral” de “mentira e engano”, em uma crítica velada a políticos considerados populistas — como o presidente de seu país natal, Donald Trump. Após reafirmar o apoio “ao direito internacional e ao multilateralismo”, Leão XIV apelou pela “integração” dos imigrantes e alertou contra “a ilusão do rearmamento”, no momento em que os países europeus aumentam os gastos militares frente a uma Rússia que se apresenta cada vez mais desafiadora.

O presidente francês, Emmanuel Macron, convidou, sem sucesso, outros líderes da UE para o evento: apenas Luxemburgo compareceu. O anfitrião pediu aos parceiros que não cedam ao “retorno dos nacionalismos” que alimentaram as duas grandes guerras do século 20. A França, como outros países de peso político, tem partidos de extrema-direita em ascensão. A sete meses da disputa presidencial francesa, com a líder de extrema-direita Marine Le Pen à frente nas pesquisas, o papa fez

» "Não é fake news"

Durante o voo de retorno ao Vaticano, Leão XIV reiterou a advertência que havia feito na sexta-feira, após desembarcar em Paris, sobre os riscos apresentados pelo rápido desenvolvimento da inteligência artificial. Embora não tenha mencionado pelo nome o presidente dos Estados Unidos, rebateu um dos argumentos principais de Donald Trump quando se opõe a qualquer regulação sobre a nova tecnologia. “Os alertas não são fake news”, disse o papa aos jornalistas a bordo. “Se alguém me perguntasse: ‘Você está em pânico?’ Não, não estou. Durmo à noite”, disse. “Mas, sim, acredito que as preocupações levantadas por muitos especialistas em IA devem ser levadas a sério.” Durante a visita à França, o pontífice norte-americano falou em “não perdermos nossa humanidade em meio ao ‘paraíso das máquinas’, que invade e condiciona nossa vida cotidiana”.

um pedido à Virgem de Lourdes: “Conceda à França governantes sábios e generosos, que mantenham o país em paz no concerto das nações”.

A mensagem de paz do líder espiritual de 1,4 bilhão de católicos chegou aos 35 mil fiéis que o aclamaram nas ruas de Metz e na catedral, onde o pontífice celebrou uma missa antes de partir para Roma. “Só faz falta que os dirigentes sigam seu exemplo”, exclamou Bernard Adam, de 70 anos, à passagem do papamóvel.

Fiança para suspeitos de terrorismo

Os cinco suspeitos presos no domingo e acusados de “preparar um ato terrorista” perto de uma base militar britânica usada pelos Estados Unidos em Fairford, no sudoeste da Inglaterra, foram libertados ontem, sob fiança, anunciou a polícia antiterrorista britânica. “Isso não significa que a investigação terminou”, disse o chefe da força, Laurence Taylor, especificando que os “movimentos e contatos” dos cinco com outras pessoas estarão “sujeitos a condições rigorosas”.

Enquanto isso, o Irã negou categoricamente, na rede social X, qualquer envolvimento em um plano para atacar a base militar, após diversos veículos da imprensa britânica noticiarem que a polícia estava investigando um possível

envolvimento do país. Os investigadores do caso “tentam determinar se os suspeitos têm vínculos com o Irã”, escreveu o jornal londrino *The Times*. Segundo o diário *The Telegraph*, a polícia “suspeita” de que o Irã é “o mais provável responsável” pelo plano de ataque à base da Royal Air Force (RAF) em Fairford, utilizada pelos Estados Unidos na guerra que iniciou em fevereiro contra a República Islâmica.

De acordo com a polícia antiterrorista, os suspeitos são cidadãos britânicos, com idade entre 23 e 25 anos, e residentes em Londres. “Estamos examinando todas as hipóteses possíveis, inclusive a de que eles agiram, consciente ou inconscientemente, em nome de um governo estrangeiro”, disse Laurence Taylor. No domingo, questionado

Ben Stansall/AFP



Policiais guardam o acesso à base aérea de Fairford: Irã nega envolvimento com a trama

sobre os supostos envolvidos, o presidente dos EUA, Donald Trump, disse “saber tudo” sobre eles.

Em março, o Reino Unido autorizou os EUA a utilizarem Fairford para “operações defensivas específicas dirigidas

contra o Irã”, com o objetivo de destruir mísseis de Teerã. Em julho, a Guarda Revolucionária iraniana ameaçou atacar a base, advertindo que qualquer instalação utilizada para lançar ataques contra o país constituiria um “objetivo legítimo”, segundo o *Telegraph*.

A polícia foi alertada sobre os detidos por uma agricultora que vive perto da base. A mulher contou à emissora pública BBC que tinha visto “um grupo de homens mascarados” quando voltava para casa. “Ciente de que havia uma ameaça à segurança da base”, a mulher, que não quis se identificar, chamou a polícia, explicou uma autoridade.

Fairford é a base britânica da 501ª Ala de Apoio de Combate, uma unidade administrativa da Força Aérea americana. Ela já havia sido utilizada na primeira Guerra do Golfo, em 1991, e na invasão do Iraque, em 2003.

AMÉRICA LATINA

EUA barram acusados de corrupção

O governo dos Estados Unidos anunciou ontem o cancelamento do visto de entrada no país para altos funcionários e empresários de Bolívia, Colômbia, Equador e Peru acusados de corrupção, vínculos com o narcotráfico ou conspiração contra os respectivos governos. Entre os atingidos estão magistrados da Corte Suprema, policiais de alto escalão, promotores e um empresário bolivianos; um empresário e uma senadora colombianos; e um magistrado do primeiro juizado constitucional de Lima (Peru), segundo um comunicado do Departamento de Estado.

O cancelamento dos vistos dessas autoridades e de seus familiares foi apresentado como parte dos compromissos assumidos na aliança Escudo das Américas, criada em março passado por iniciativa do presidente Donald Trump. “Sob o governo Trump, funcionários estrangeiros corruptos já não podem entrar livremente nos EUA”, diz o texto. “Essa política restringe a concessão de vistos a cidadãos estrangeiros, e a seus familiares diretos, que enfraqueçam um governo eleito democraticamente por

meio de atividades de corrupção ou narcotráfico em nossa região”, acrescenta o Departamento de Estado. “Enfraquecer um governo eleito democraticamente é uma ameaça à segurança e ao Estado de Direito nas Américas, e isso não será tolerado.”

O governo conservador boliviano enfrentou semanas de protestos que paralisaram boa parte do país, no início do ano, até que o presidente Rodrigo Paz decretou o estado de exceção, em 20 de junho. A medida segue em vigor. A Colômbia acaba de eleger presidente o direitista Abelardo de la Espriella, que se apresenta como aliado de Trump, após uma campanha eleitoral acirrada e sob acusações de que a oposição de esquerda tentou impedi-lo de chegar ao poder. O Equador, outro aliado da Casa Branca, trava uma guerra contra o crime organizado com apoio de forças militares norte-americanas. O Peru também acaba de eleger uma presidente de direita, Keiko Fujimori, após uma campanha acirrada.

Os quatro países integram o Escudo das Américas, que reúne cerca de 15 países da

região. Líderes da aliança reuniram-se na semana passada, em Nova York, à margem da Assembleia Geral das Nações Unidas, e reafirmaram a disposição de adotar “medidas coletivas”, com um primeiro conjunto de sanções contra 24 grupos criminosos.

Instituições enfraquecidas

Na Bolívia, os sancionados incluem o magistrado constitucional Israel Ramiro Campero, o ex-magistrado Iván Ramiro Campero, o juiz de instrução Rodrigo Vedia, os promotores Albania Chane e Alberto Zeballos, ambos de Santa Cruz, a juíza Rosario Flores, também de Santa Cruz, o promotor Alvaro Nava, de Chuquisaca, o coronel da polícia Frans Cabrera e o empresário José Luis Iriarte. O Departamento de Estado também “designa publicamente o procurador-geral boliviano, Roger Mariaca, por seu envolvimento em corrupção significativa”.

“Suas ações põem em risco os esforços do presidente Trump para combater o narcoterrorismo e, ao mesmo tempo, enfraquecem as próprias instituições democráticas da Bolívia”, diz o comunicado do

Kent Nishimura/AFP



Trump no Salão Oval: “Neste governo, corruptos não entram livremente nos EUA”

Departamento de Estado. Além deles, mais nove bolivianos ficaram impedidos de obter visto para os EUA, caso solicitem. Quatro cidadãos equatorianos não identificados no comunicado também foram sancionados. O governo norte-americano pode divulgar os nomes das pessoas cujos vistos

foram revogados ou mantê-los em sigilo.

Na Colômbia, os afetados são Euclides Torres, empresário do setor de energia, e Martha Isabel Peralta, senadora do Pacto Histórico, de esquerda. No Peru, o afetado é Juan Carlos Núñez, juiz do primeiro circuito constitucional de Lima.